



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Fundamentos.

## INSTRUMENTALIDADE DO SERVIÇO SOCIAL: CATEGORIAS FUNDAMENTAIS E SUA ARTICULAÇÃO NO CUIDADO EM SAÚDE

Isabella da Paixão Alves<sup>1</sup>  
Mariana Borba Garcia<sup>2</sup>

**Resumo:** Reflexão sobre a Instrumentalidade do Serviço Social - seu arsenal técnico-operativo, teórico-metodológico e ético-político - enquanto ação transformadora da realidade e modo de ser da profissão. Propõe-se articular vivências e uso de alguns dos possíveis instrumentos, técnicas e estratégias no cotidiano de atendimento como apoio da Equipe de Saúde da Família.

**Palavras-chave:** Instrumentalidade. Racionalidade. Serviço Social. Trabalho.

**Abstract:** Reflection about Instrumentality of Social Work - its technical-operative arsenal, theoretical-methodological and ethical-political - as a transforming action of the reality and “way of being” of the profession. It is proposed to articulate experiences and use of some of the possible instruments, techniques and strategies in the daily care as support of the Family Health Team.

**Keywords:** Instrumentality. Rationality. Social Work. Work.

### INTRODUÇÃO

A discussão sobre Instrumentalidade do Serviço Social é complexa e essencial à profissão. Pode-se tender a reduzir o fazer profissional aos seus instrumentos e técnicas, como se esses fossem o próprio Serviço Social, caracterizando, por vezes, a profissão e seus instrumentos de maneira endógena, com fim em si mesmo. Sabemos, claro, que a construção teórica se adensou dentro da profissão, mas esbarramos, por vezes, em práticas descompassadas entre reflexões macroscópicas e as intervenções profissionais em si. Sendo assim, se faz pertinente contextualizar o Serviço Social Brasileiro para compreendermos a intenção de romper com o lugar de mero executor de políticas sociais e caminhar de maneira madura para uma apreensão crítica da realidade. Portanto, essa discussão terá como eixos norteadores os debates e contextualização acerca do Serviço Social Brasileiro; Trabalho pela ótica marxista; determinações da categoria Racionalidade; Instrumentalidade. Mais à frente, propõe-se partilhar relatos da atuação como Assistente Social na Atenção Primária à Saúde como apoio de uma Equipe de Saúde da Família. Essas experiências terão como foco a interlocução dos instrumentais no atendimento às

---

<sup>1</sup> Profissional de Serviço Social, Prefeitura de Belo Horizonte, E-mail: isabellapaixoalves@gmail.com.

<sup>2</sup> Profissional de Serviço Social, Prefeitura de Belo Horizonte, E-mail: isabellapaixoalves@gmail.com.

pessoas em trajetória de vida nas ruas.

## **O SERVIÇO SOCIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO**

O surgimento do Serviço Social no mundo e, particularmente, no Brasil, contexto esse que nos interessa mais, vem colado à prática social da Igreja Católica como forma de responder aos problemas e desigualdades sociais que se acirraram em decorrência da fugaz industrialização e desenvolvimento capitalista. Aqui, por ser uma breve reflexão, não procurarei desenhar os motivos e as formas como se deram o surgimento da profissão, tema amplamente conhecido. Neste tópico, o objetivo gira em torno do Movimento de Reconceituação que apontará novos caminhos à profissão, e, por conseguinte, à sua instrumentalidade.

O Serviço Social não pode ser descolado do seu tempo, da sua realidade sócio-histórica, não é alheio à história, pelo contrário, tem como seu objeto a Questão Social e se materializa nas intervenções no nível das relações sociais e do cotidiano. O amadurecimento profissional trouxe, à luz da renovação, a necessidade de reconciliar o Serviço Social com o tempo presente.

(...) Portanto, se os processos históricos impõem limites e descortinam potenciais alternativas à prática profissional, essas não se traduzem imediata e mecanicamente na órbita profissional. Encontram-se sujeitas a inúmeras mediações, que têm de ser apropriadas e elaboradas pelos agentes profissionais - seja no nível da produção intelectual, seja no das estratégias de ação - de modo que se moldem como respostas teóricas e técnico-políticas às demandas emergentes naquele campo de possibilidades. (IAMAMOTO, 2012, p. 203-204)

No bojo de processos contraditórios, o Serviço Social latino-americano, em seu processo de Reconceituação iniciado na segunda metade da década de 60, se aproxima da tradição marxista e é marcado pela contestação ao tradicionalismo. Sobre essa aproximação, Marilda Iamamoto (2012) faz uma pertinente reflexão sobre a contribuição do Marxismo no que tange ao processo de ruptura teórica e prática com a tradição profissional, mas problematiza a maneira equivocada em que se deu essa aproximação. Mediada pela prática político-partidária, essa aproximação girou em torno de uma militância política. “Esse ângulo de visão, alimentado apenas pela prática e pela vontade política, mostrava-se, em si, insuficiente para desvelar tanto a herança intelectual do Serviço Social como sua prática (...)” (IAMAMOTO, 2012, p. 210)

Iamamoto (2012) nomeia de aproximação a um marxismo sem Marx, onde o conteúdo que se pretendia marxista apresenta-se muito mais como ecletismo teórico. Essa aproximação esvaziada de historicidade desemboca em duas tendências na profissão: o messianismo e o

fatalismo. Mais à frente, a apropriação adequada do marxismo possibilita uma apreensão das desigualdades e lutas de classe, com maior entendimento sobre a dinâmica da ordem do capital. GRANEMANN (1999) ressalta “É de lamamoto o mérito de ter estabelecido a interlocução com os textos de Marx no Serviço Social.” (GRANEMANN, 1999, p.). Assim, uma das grandes contribuições do marxismo para o Serviço Social é o entendimento e as reflexões acerca da categoria fundamental para adentrarmos o debate sobre Instrumentalidade: Trabalho.

## **TRABALHO, RACIONALIDADE E INSTRUMENTALIDADE DO SERVIÇO SOCIAL**

A partir da interlocução com o marxismo, torna-se factível entender o Serviço Social como trabalho e sua intervenção como processo de trabalho. Marx concebe a sociedade como calcada no trabalho, onde todo modo de produção é também modo de reprodução. Trabalho é ato consciente, onde os homens modificam a natureza, modificam a si mesmos nesse processo. Trabalho é sociabilidade, é categoria fundante do ser social. Enquanto atividade consciente, o trabalho possui sempre uma intencionalidade, caminha para uma finalidade pensada anteriormente. E nesse processo há um objeto sobre o qual o homem se debruça alterando sua matéria e para isso lança mão de instrumentais que refinam seu processo de trabalho, mediam homem e objeto de trabalho.

O trabalho sofreu profundas transformações com o advento do capitalismo. Sobre isso, GRANEMANN (1999) destaca três pontos:

- 1) Como sujeitos que não possuem outra mercadoria para vender a não ser sua própria força de trabalho. Esta capacidade de trabalho o trabalhador a entrega ao capitalista em troca de um salário que deverá garantir a sua subsistência. Executado este contrato, nas horas em que estiver trabalhando estará o trabalhador sobre o controle do capitalista, pois nestas horas o trabalho lhe pertence;
- 2) Como não mais possui os meios de produção, aquilo que o trabalhador produz ao longo da jornada de trabalho, dia após dia, ano após ano, não lhe pertence. Vale dizer, tudo aquilo que o trabalhador produziu - o produto de seu trabalho - pertence ao capitalista que o contratou;
- 3) Como seres alienados de sua própria condição de humanidade, na exata medida em que não se reconhecem, que lhes parecem alheios, estranhos: os produtos que produzem; os meios de produção - de propriedade do capitalista; a sua própria atividade - destituída de potencial criador; a si mesmo; e aos outros homens, porquanto serem as suas relações mediadas pelos produtos que produzem. Dito de outro modo, porque a centralidade das relações, no capitalismo, é atribuída às mercadorias e não aos homens que as produziram. (GRANEMANN, 1999, p. 158)

Ao considerarmos o Serviço Social enquanto trabalho, temos em vista que, embora não produza matéria, produz uma mercadoria não material. Mas, claro, faz-se necessário repensarmos os processos de trabalho do Assistente Social. Como especialização na divisão sociotécnica do trabalho, a profissão não se autodetermina, carece de uma profunda análise societária, em época de capitalismo monopolista até os dias atuais, para vislumbrarmos as demandas que se encaminham ao Serviço Social.

O capitalismo monopolista acirra as expressões da Questão Social e essas se tornam objeto de intervenções do Estado. Essa necessidade social propicia um espaço na divisão social e técnica do trabalho para o Serviço Social: as políticas sociais. Políticas sociais possuem, ao menos, dois momentos: formulação e implementação; e sabemos que os espaços sócio-ocupacionais direcionados aos Assistentes Sociais, no geral, são as atuações executoras. Assim, os Assistentes Sociais tornam-se trabalhadores assalariados e suas intencionalidades são transpassadas pela lógica da institucionalização. (GUERRA, 2007)

A atenção então nos volta para a concepção da razão moderna que possibilita aos sujeitos se enxergarem como autocriadores, imbuídos de teleologia, que proporciona novos horizontes no entendimento dos processos sociais e rompe com as concepções da razão divina como forma de conceber o mundo.<sup>3</sup>

A “racionalidade”, enquanto uma propriedade da razão, vincula-se às formas de concebê-la; por isso, tem na razão o seu fundamento de determinação, que é expressão da própria realidade. A racionalidade dada pela razão dialética é a síntese de procedimentos ativos e intelectivos e torna-se um adjetivo da razão que desaliena, desmistifica, nega o dado na sua aparência e é capaz de engendrar ações que ultrapassem a dimensão manipulatória e instrumental. (GUERRA, 2011, p.44)

A racionalidade por ser categoria ontológica incorpora a instrumentalidade. A instrumentalidade, por sua vez, media a relação dos homens com seu objeto de trabalho. A profissão possui reconhecimento social à medida que à sua porta chegam demandas objetivas a serem respondidas. A instrumentalidade pode ser dita como um modo de ser dentro das relações sociais e uma propriedade sócio-histórica da profissão. (GUERRA, 2007)

Através desse modo de ser, dessa capacidade, os Assistentes Sociais podem alterar as relações sociais, bem como condições objetivas e subjetivas no nível do cotidiano. Essas intervenções, imbuídas de intencionalidade onde o profissional lança mão de meios e instrumentos, caminham na tentativa de alcançar objetivos.

Como já tratamos nesse artigo, o Movimento de Reconceituação buscou se debruçar sobre a produção de conhecimento crítico para que este estivesse em compasso com a realidade social na qual o Serviço Social intervém. Cabe ao conjunto de profissionais de Serviço Social níveis de competências que tão somente alinhadas corresponderão ao que se espera da instrumentalidade do Serviço Social. A realidade social onde o Assistente Social atua é campo de disputa de forças e relações de poder no bojo do capitalismo com rebatimentos às diversas expressões da Questão Social. Nesse campo contraditório, o Assistente Social não pode ser um profissional que almeja a neutralidade. Sua intencionalidade possui um direcionamento ético-político. Conhecer os fenômenos sociais para além de sua aparência

---

<sup>3</sup> Para compreender melhor sobre a trajetória histórica e os filósofos que pensaram a racionalidade, ver Capítulo “Razão e Modernidade” em GUERRA (2011). Neste trabalho, a atenção está voltada para a Racionalidade do Capitalismo e a ontologia do ser social.

corresponde ao rigor teórico-metodológico e desenvolver suas estratégias, habilidades e técnicas no fazer profissional confere ao Assistente Social competência técnico-operativa. (SOUSA, 2007)

O desafio que o cotidiano nos impõe é o de não ser mero burocrata nos espaços sócio-ocupacionais e alinhar, a todo momento, teoria e prática. Não cristalizar intervenções para as demandas que emergem, dissociando singularidades de uma análise mais macroscópica dos fenômenos sociais. SOUSA (2007) é taxativo: “ os instrumentos e técnicas de intervenção não podem ser mais importantes que os objetivos da ação profissional.” (SOUSA, 2007, p. 124). Em outras palavras, o domínio das técnicas e instrumentos é importante e inerente à profissão, mas essa habilidade se, dissociada das demais competências, afasta o Assistente Social de sua capacidade criativa.

Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo. (IAMAMOTO, 2012, p.20)

O lugar onde o Assistente Social insere sua instrumentalidade é o cotidiano. Esse lugar repleto de contradições é onde se instala a vida social, onde a existência humana se realiza. Por ser seu campo de atuação, o Serviço Social está em privilegiada posição para identificar potencialidades, mudanças possíveis, e resistências. Demandas pontuais e objetivas são, por vezes, demandas primeiras no contato dos Assistentes Sociais com os usuários de seus serviços, mas isso não coloca o Serviço Social em condição de menor importância. Por se dar na esfera do cotidiano, tais demandas objetivas não precisam necessariamente nos aproximar do temido assistencialismo, mas sim promover novas demandas, novos debates, novas ideias e intervenções.

O cotidiano é atravessado por uma rede complexa de relações que escapam às compreensões estigmatizadas e idealizadas da vida social. Se é o espaço de disseminar e ocultar as formas de poder e dominação, como denuncia Foucault (2012), é onde também as relações de submissão e suas consequências imediatas podem ser vistas de forma mais clara e direta: a relação de subserviência o sentimento de humilhação diante da posição de desvantagem econômica e social, são apenas alguns aspectos a serem desvendados no rico espaço de troca que os profissionais de Serviço Social ocupam. Ao acompanhar e (re)conhecer a reprodução cotidiana da população, o assistente social pode identificar as resistências construídas no dia a dia, as novas necessidades surgidas com as mudanças na reprodução da vida concreta e, acima de tudo e todos os dias, transformar a forma de se relacionar com os usuários dos serviços sociais e de encarar suas necessidades. (CUNHA; HALLAK. 2013. p.32)

Essas categorias fundamentais tratadas até aqui permeiam e subsidiam o entendimento da instrumentalidade. Esse campo de contradições é o que convida o Serviço Social a dialogar com a razão dialética. Embora tenha nascido de práticas reformistas, fragmentadas e reducionistas, o Serviço Social trilhou seu amadurecimento no direcionamento dos direitos

sociais e da democracia, realizando uma escolha ética e racional em contribuir com a superação da ordem capitalista.

Entre as três dimensões do campo profissional (ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa), das quais já tratamos aqui, a técnico-operativa é a que mais se aproxima do fazer profissional em termos de materialidade. Através dessa dimensão é que os Assistentes Sociais podem colocar em prática as outras duas dimensões, sempre com o devido cuidado para não fetichizar os instrumentos, valorizando-os a ponto de que sejam um fim em si mesmo.

### **A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA DO SERVIÇO SOCIAL**

Não existem instrumentos específicos que caibam em determinada ação ou teoria. Alguns dos principais instrumentos de trabalho dos Assistentes Sociais, através dos quais materializam suas ações, são conhecidos desde o nascimento da profissão. Não nos cabe criticar os instrumentos por esse motivo, essa crítica nos coloca em maior dificuldade de aproximar teoria e prática. O que o amadurecimento profissional nos trouxe foi entender como unidade a tríade de dimensões aos quais os Assistentes Sociais lançam mão: técnico-operativo, teórico-metodológico e ético-político - a tríade em consonância, ressoando um fazer profissional carregado de instrumentalidade. Por vezes, após um profundo mergulho da profissão em dialogar com a teoria, a dimensão técnico-operativa acabou sendo vista como menos importante. Essa posição nos remonta ao velho problema: dicotomia teoria e prática. É esse caminho que a profissão tenta superar.

Um dos subtítulos da densa obra de Yolanda Guerra (2011) por si só nos remonta a reflexões: “Na prática a teoria é outra”. Se reduzirmos a teoria às técnicas de intervenção, teremos um fazer burocratizado e tendencioso a cristalizar as mesmas ações por considerar a repetição de algumas demandas de usuários. Assim temos o estudo, diagnóstico, a entrevista, a visita domiciliar, entre outros instrumentos e estratégias tão conhecidos do nosso fazer profissional, esvaziados de sentido.

O que aí aparece, e se coloca tanto como um entrave à intervenção quanto como uma derivação e exigência de uma determinada concepção acerca da relação teoria/prática, é a aplicação indiscriminada de modelos na análise e diagnóstico da realidade; a utilização de técnicas e instrumentos retirados de manuais; o estabelecimento de princípios, normas e regulamentos das ações e aceitação acrítica dos já instituídos, prevalecendo uma relação de exterioridade entre sujeito e objeto e de neutralidade entre os sujeitos envolvidos nesse processo. (GUERRA, 2011, p.172)

O terreno fértil que o positivismo com sua racionalidade formal-abstrata encontra na lógica capitalista, faz parte de condições históricas e essas não se isolam do Serviço Social, pois é profissão sócio-histórica, é nesse contexto da realidade que se insere, mas é essa maneira

ineficaz e equivocada de apreender os fenômenos sociais que faz com que pareça que na prática a teoria é outra. Essa tendência angustia o profissional, pois a dinâmica societária não pode estar nas mãos de uma categoria profissional. Mais uma vez nos vemos tendenciosos à dois pólos opostos, ambos equivocados: o fatalismo ou o messianismo. Caímos aí no conservadorismo e tecnicismo tão presentes na história da profissão, os instrumentos que nos acompanham no dia a dia não estão em consonância com a intencionalidade que se espera de nossas ações.

## **O SERVIÇO SOCIAL NA POLÍTICA DE SAÚDE**

O Assistente Social tem como conhecido e importante cenário de trabalho os serviços de saúde pública, embora o modelo de atenção à saúde venha mudando ao longo do tempo, podemos afirmar que a saúde ainda se configura como modelo biomédico, centrado na doença, campo conservador, onde os profissionais ainda têm dificuldade de incorporar a análise dos determinantes sociais no processo saúde-doença, estas características não são distantes quando se está inserido nesse cotidiano, e o assistente social não está imune de enfrentar esses rebatimentos em seus atendimentos e no contato com a equipe multiprofissional. Sendo assim, é importante construir uma instrumentalidade inspirada na vertente crítica da tradição marxista e romper com traços de conservadorismo profissional para que seja possível manter uma prática vinculada aos projetos societários das massas trabalhadoras e que incluam as pessoas em situação de rua no planejamento de políticas públicas.

Os projetos profissionais (projeto societário) apresentam a auto-imagem de uma profissão, elegem os valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, práticos e institucionais) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as bases das suas relações com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais privadas e públicas. (NETTO, 1999. p.04)

O projeto ético-político do Serviço Social reconhece a liberdade como a base de uma atuação que valoriza a autonomia dos sujeitos e vincula-se à um projeto societário que vai contra a dominação de classe, etnia e gênero. O objetivo aqui não é nos delongarmos em torno da clara importância da atuação do assistente social na saúde, trataremos a partir desse ponto a descrição e reflexão de alguns dos instrumentos, técnicas e estratégias utilizadas no cotidiano do Serviço Social voltado para população de rua.

Atendimento à demanda espontânea: O perfil deste segmento da população tem seu caráter imediatista das demandas, sendo necessário que o Assistente Social esteja organizado para atender sob demanda espontânea, visto que, os usuários costumam não tolerar um nível de

espera elevado. Por experiência quando são agendados para dias posteriores, em sua maioria, não conseguem cumprir os acordos de horários. Assim, a presença do usuário é a oportunidade de conhecê-lo, fazer acolhimento das demandas e estabelecer um início de vínculo para que estes possam voltar posteriormente e dar continuidade ao processo de tratamento.

**Demanda exposta e implícita:** Geralmente as demandas apresentadas pelos usuários no primeiro acolhimento correspondem apenas as imediatas pois em sua maioria estes vêm à Unidade Básica de Saúde para atendimento de uma situação já agravada, como atendimento odontológico de urgência, dores no corpo, ferimentos, dentre outros. Com o acolhimento e a escuta qualificada dos profissionais de saúde, dentre eles o Assistente Social, é possível verificar que muitas demandas não são compreendidas como questão de saúde e devido a isso não são verbalizadas. É preciso identificar questões, como a necessidade de acompanhamento em Saúde Mental ou mesmo sintomas de outras doenças, como hipertensão, diabetes, tuberculose ou doenças crônicas que o usuário desconhece. Faz-se necessário também esclarecer que o SUS viabiliza as vacinas e fornecimento de medicamentos, assim, é importante estar atento tanto à demanda exposta no momento do acolhimento, quanto a demanda implícita, porém passível de ser identificado pelo olhar atento do profissional. Durante o atendimento, é possível também identificar necessidades que não podem ser atendidas na Unidade Básica de Saúde, mas que devem ser articuladas com outros níveis de atenção, bem como com outros serviços da rede socioassistencial, fortalecendo a atuação intersetorial.

**História social pregressa:** A verificação minuciosa da história social pregressa destes usuários é imprescindível para que o vínculo com os sujeitos que chegam até a Unidade Básica de Saúde seja estabelecido. Os usuários pertencentes ao segmento da população em situação de rua, em sua maioria apresentam vínculos familiares fragilizados ou rompidos, e tendem a não expor informações no primeiro momento, muitas vezes devido a periculosidade que a vida nas ruas apresenta. Posteriormente, com o vínculo estabelecido, o usuário tende a se colocar como sujeito que tem uma história, não obstante, serão necessários contatos institucionais com a cidade de origem e outros equipamentos da cidade, como Unidade de Pronto Atendimento, Abordagem de Rua, abrigos e albergues. Esses contatos e discussões em rede possibilitam ao profissional entender de forma mais ampla a história do usuário e potencializar a efetividade do projeto terapêutico singular construído para os encaminhamentos de ações.



Acompanhamento semanal: Para a população em trajetória de vida nas ruas é mais complexo se fazer um acompanhamento com agendamento de datas posteriores para atendimentos. A dinâmica nas ruas e o frequente uso de álcool e/ou outras drogas, impede que seja realizado um acompanhamento longínquo e devido a isso é comum que, para os usuários que apresentam comorbidades em saúde de difícil controle, o assistente social e outros profissionais tentem vincular o usuário com comparecimento semanal a Unidade Básica de Saúde, isso ocorre para que sejam atualizados os retornos de outros encaminhamentos, para liberação de medicamentos, curativos, dentre outros. Desta forma é preciso acompanhar a trajetória do usuário na rede e tentar verificar os equipamentos para a população de rua que podem auxiliá-los na efetivação dos tratamentos em saúde.

Estratégias junto à rede: Como estratégia junto a rede para um atendimento ampliado à população em situação de rua, a reunião semanal com a equipe de Saúde da Família, com representantes da Abordagem de Rua e de técnicos do Consultório de Rua acontece com o objetivo de alinhamento de ações. Em equipes multiprofissionais, pela diversidade de formação, não é incomum que em algumas das formações, os profissionais não compreendam diretamente as vulnerabilidades sociais que afetam os usuários. Contextualizar a equipe sobre os reflexos da questão social no processo saúde – doença é de suma importância. Essa mediação pode e deve ser feita pelo assistente social buscando que as tomadas de decisões de um tratamento sejam pautadas na realidade das ruas e construídas coletivamente, respeitando o protagonismo dos sujeitos.

Grupos de orientação e educação em saúde: São realizadas atividades de educação em saúde nos espaços do Centro de Referência da População de rua, local onde pode-se encontrar um número substancial de usuários no horário diurno, para tomar banho, lavar roupas e participar de algumas atividades propostas de acordo com a coordenação do espaço. Uma das atividades realizadas é a de educação em saúde, onde um profissional da saúde, médico, dentista, enfermeiro, técnico de enfermagem, geralmente em conjunto com profissional do Serviço Social, comparece ao equipamento para expor sobre temas referentes aos cuidados em saúde. Neste espaço é possível uma aproximação, tratar de temas que geram maiores dúvidas e orientar horários e fluxos do serviço para os que desconhecem a Unidade Básica de Saúde.

Participação no Conselho Local de Saúde: A participação do Assistente Social no Conselho Local de Saúde da Unidade Básica é essencial, pois há uma dificuldade em localizar representantes da população em situação de rua para representar seus interesses nesses

espaços. Cabe ao profissional informar a relevância destes espaços para garantia dos acessos aos serviços do SUS aos usuários, mas pela experiência este público é de difícil adesão a este formato de reunião.

É evidente que a frágil organização desse grupo populacional, profundamente heterogêneo, com histórias de vida e trajetórias profissionais diferenciadas, com interesses imediatos, aparentemente diversos e com limitada consciência da condição social de classe trabalhadora que o caracteriza e poderia unificá-lo em torno de interesses imediatos por proteção social, vinculados a um projeto social mais amplo, ressoa na incapacidade do Estado de garantir o acesso dessas pessoas aos serviços oferecidos pelas políticas sociais. (SILVA, 2009.p. 179)

Verificou-se que ainda há muito que avançar para o atendimento integral desta parcela da população, há que se propor maneiras mais efetivas de concretizar a intersectorialidade entre as políticas públicas de assistência social e saúde, e iniciar com as políticas de habitação, educação e renda para que se possa vislumbrar outras possibilidades para esses sujeitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Serviço Social nasce no seio das contradições sociais, acirradas pela lógica do capital, e se insere enquanto profissão na divisão social e técnica do trabalho.

A profissão passou por profundas transformações ao longo de sua existência e, graças aos esforços de diversos autores que se propuseram a pensar o fazer profissional sob ótica de uma racionalidade crítica, ganhou novo escopo na tentativa de romper de vez com a lógica conservadora que foi fio condutor das ações durante décadas. Sendo assim, temos como expoente o Movimento de Reconceituação que vislumbrou uma aproximação com o materialismo dialético enquanto teoria que melhor diz da relação das partes do cotidiano com a totalidade da realidade social.

Essa tarefa não é simples e é nela que se insere o grande desafio da profissão: ter na instrumentalidade uma forma de mediar o imediato que “bate à nossa porta” a todo momento com uma análise macroscópica da realidade.

Essa instrumentalidade é um “modo de ser” da profissão e não pode ser confundida com o instrumental e/ou instrumentos que nos são tão conhecidos. Os instrumentos têm por função materializar nossas intencionalidades, então, se temos os instrumentos como supervalorizados, caímos na armadilha de utilizá-los de maneira em que tenham um fim em si mesmo. É através da instrumentalidade que o Assistente Social propõe uma ação de fato transformadora e se coloca como profissional criativo capaz de articular as três dimensões da profissão: teórico-metodológico; técnico-operativa e ético-política.

Assim temos perguntas simples que podem ser grandes aliadas quando uma demanda nos é apresentada: “Para quê?”, “Como fazer?”, “Por que fazer?”. Esses direcionamentos nos aproximam de práticas mais críticas, estratégias e instrumentos mais propícios para o

alcance dos objetivos, para interferir no lugar onde nossa vida social é possível: o cotidiano. O cotidiano tem o poder de alienar nossas ações, pois nele percebemos o que há de imediato, os fragmentos de um todo muito mais complexo. Se os Assistentes Sociais estiverem presos a “fazeção” do dia a dia, sem repensarem sua práxis, seguirão colados às práticas reducionistas.

Cabe uma reflexão sobre o espaço privilegiado que o Serviço Social ocupa: não está inserido somente no mundo das ideias. O Serviço Social se insere no bojo das políticas sociais e está em contato diário e sistemático com as diversas manifestações da Questão Social através das demandas de seus usuários. Esse espaço privilegiado nos dá matéria para sistematizar nossa prática e pesquisar a realidade social. É isso que a profissão tem feito? Usufruir desse espaço para dar um salto em direção às ações transformadoras? Ou ainda tendemos à armadilha da manutenção da ordem vigente?

É indispensável que o Assistente Social saiba, com maestria, lançar mão de seu arsenal de instrumentos, técnicas e estratégias no dia a dia de seu fazer profissional: a linguagem, os relatórios, entrevistas, estudos sociais, reuniões, dinâmicas de grupo, visitas domiciliares e/ou institucionais ou ações de mobilização de comunidades, entre outros. Mas que essa capacidade do profissional não se encerre aí. A instrumentalidade se insere nessa complexidade: potencializar os instrumentos como base para alcançar aquilo que faz nosso trabalho importante e nos aproxima do trabalho enquanto categoria fundante do ser social: nossa intencionalidade.

## REFERÊNCIAS

GRANEMANN, S. Processos de Trabalho e Serviço Social I. In: **Capacitação em Serviço Social e Políticas Sociais**: Módulo 2: Reprodução Social, trabalho e Serviço Social - CEAD, Brasília, 1999.

GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In.: **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social**: desafios contemporâneos. UFJF. 2012.

GUERRA, Yolanda. Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. In **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 62, Ano XX, Março 2000.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo. Editora Cortez. 2011.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 5ªed. São Paulo: Ed. Cortez, 2001, (p.49-83).

MARTINELLI, M. L; KOURMOWYON, E. **Um novo olhar para a questão dos instrumentais técnico-operativos em Serviço Social**. Revista Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n.45, ano XV, agosto, p.137-141, 1994.

MENDES, Cléssio Cunha. HALLAK, Mônica. Cotidiano: produção social da existência humana. In: **A Dimensão Técnico-operativa no Serviço Social**. Revista Conexão Geraes, nº 3, 2º semestre de 2013.

NETTO, José Paulo. A construção do Projeto Ético Político do Serviço Social frente à crise contemporânea. In: CFESS/ABEPSS; CEAD/UNB (Org.). **Crise contemporânea, questão social e Serviço Social. Capacitação em Serviço Social e política social**. Brasília: CEAD/UNB, 1999.

SANTOS, Cláudia Mônica dos. A dimensão técnico-operativa e os instrumentos e técnicas no Serviço Social. In: **A Dimensão Técnico-operativa no Serviço Social**. Revista Conexão Geraes, nº 3, 2º semestre de 2013.

SILVA, Maria Lúcia Lopes da. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.